

## Pedro Sena Nunes, realizador e docente

# “Num documentário não pretendo fazer um trabalho de actualidade”

Com 15 anos parcialmente dedicados à pedagogia, dirigiu vários laboratórios de criação documental e afirma que a questão da proximidade entre documentário e reportagem “já se tem colocado” nas suas aulas. Reconhecendo que, a nível da pesquisa, “há pontos de encontro entre realizador e jornalista”, estabelece, porém, diferenças entre os dois géneros.


**“POR FORMAÇÃO** e por experiência, tive de aprender a tirar aquilo que me interessa de quem é focado ou visado no trabalho. Só que, embora isso pareça um procedimento jornalístico, faço-o do ponto de vista da partilha, que me parece ser exclusivo do documentário”, declarou, quando questionado acerca das afinidades entre o documentário e a reportagem.

E sublinhou: “Há uma grande distância entre tentar ir descobrindo uma pessoa e escarafunchar para chegar só ao que se quer”. A resposta soa a censura, quase a reprimenda, mas Pedro Sena Nunes esclareceu que “algumas grandes reportagens assemelham-se francamente a documentários”. Na sua opinião, estes últimos apenas não podem ser comparados “à filmagem momentânea de um acontecimento”.

Porque “a urgência da comunicação social torna impraticável um tempo de reflexão sobre os materiais” que o documentário requer, explicou ainda, lamentando que, regra geral, a pressa impeça uma justificada “reinterpretação das imagens” e permita que “as pessoas sejam expostas desnecessariamente na sua fragilidade, em situações delicadas”.

“Imaginando que estou a ver uma casa a arder... Eu seria incapaz de ficar a insistir com a pessoa que está a perder a sua habitação para saber o que ela está a sentir”, garantiu, acrescentando que a atitude de alguns repórteres lhe suscita interrogações: “O que recebe o espectador com essas imagens? Identifica-se? Vive bem com isso? Talvez valesse a pena estudar mais esse aspecto, o lado do receptor”.

Então, se estivesse no local, com a câmara ao alcance de



“Há uma grande distância entre tentar ir descobrindo uma pessoa e escarafunchar para chegar só ao que se quer.”

mão, resistiria a registar o incêndio? "Não, não deixaria de filmar a casa em chamas, mas depois procuraria estar com a pessoa no seu mundo e num tempo diferente", assegurou Pedro Sena Nunes, reforçando que a vantagem do documentário face, sobretudo, às imagens dos telejornais, é a possibilidade de demora.

"Num documentário não pretendo fazer um trabalho de actualidade, ao passo que uma notícia tem de estar no ar enquanto o é, o que cria um sufoco de captar e difundir rapidamente as imagens, já que, quanto mais depressa elas forem conseguidas e divulgadas, mais eficazes serão", assinalou.

Uma desrinça que, todavia, "não quer dizer que um documentário não possa conter imagens de cariz absolutamente jornalístico". Até porque documentário e reportagem partilham o real enquanto matéria-prima, procurando levá-lo ao espectador.

Aliás, para o realizador e docente, o recente boom de documentários, "que se evidencia quer na vontade de os criar, quer na de os ver", denota a existência, nas pessoas, de "uma necessidade de voltar ao contacto com a realidade, uma percepção de que há outros mundos que podem ser partilhados". Um desejo que pode ser concretizado pelo bom cinema e pelo melhor jornalismo. ■



## "Elogio ao 1/2" proporciona leitura jornalística

Pedro Sena Nunes trabalha, desde meados dos anos 90, num projecto intitulado Microcosmos, que o tem levado a percorrer o país de Norte a Sul. Numa breve descrição: "É um olhar sobre cada província que, espero, me venha a permitir, um dia, ter uma visão pessoal do meu país".



Começou por Trás-os-Montes, em 1995, onde filmou "Margens", depois esteve no Minho, para rodar "Entraste no jogo, tens de jogar, assim na Terra como no Céu", em 1999. Seguiu-se a Beira Litoral, que em 2003 deu origem ao documentário "A Morte do Cinema", e, dois anos depois, foi a vez da Beira Baixa, com "Da pele à pedra".

Agora filma na Beira Alta mas, antes disso, o ano de 2006 levou-o ao Algarve, para "Elogio ao 1/2" - onde revisita a Meia-Praia três décadas após o bairro ter sido retratado no cinema.

Pelo tema "Índios da Meia-Praia", que José Afonso compôs para o filme "Continuar a Viver", dirigido por António da Cunha Telles em 1976, sabe-se que o bairro fica "ali mesmo ao pé de Lagos" e que começou por ter cabanas construídas "com sete palmos de terra", tornando-se de tijolo após "oito mil horas contadas" em que os "índios" - vindos de Monte Gordo "por seu próprio pé" - "laboraram a preceito".

Escolhendo para a música Gonçalo Tocha e incluindo na equipa Pedro Macedo, como director de fotografia, e Ricardo Sequeira, como director de som, Pedro Sena Nunes fez, segundo disse, "um grupo pequeno e quase volátil dentro do bairro" para tentar perceber como se vivia no local em 2006, concluindo que muitas das promessas políticas feitas 30 anos antes continuavam por cumprir. Daí resultou o quinto documentário da série Microcosmos, assim apresentado por Sena Nunes na entrevista concedida durante o Festroia 2009: "O 'Elogio ao 1/2' tem uma dimensão política, pelo que - por muita poesia que exista no trabalho - proporciona uma leitura jornalística".